



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Faculdade de Educação - UAB/UnB/MEC/SECADI

III Curso de Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania, com
Ênfase em EJA / 2014-2015

**ELINTON CORDEIRO DOS SANTOS
NÁGELA MARIA DE SENA FIALHO**

**A DIVERSIDADE NA EJA COMO ELEMENTO DE
TRANSFORMAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA**

BRASÍLIA, DF

NOVEMBRO/2015

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Faculdade de Educação - UAB/UnB/MEC/SECADI

III Curso de Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania, com Ênfase em
EJA 2014-2015

A DIVERSIDADE NA EJA COMO ELEMENTO DE TRANSFORMAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Elinton Cordeiro dos Santos

Nágela Maria de Sena Fialho

Orientadora: Prof.^a Me. Danúbia Régia da Costa

Tutora: Prof.^a Maria do Socorro Silva Linhares

PROJETO DE INTERVENÇÃO

BRASÍLIA, DF

NOVEMBRO/2015

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Faculdade de Educação - UAB/UnB/MEC/SECADI

III Curso de Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania, com Ênfase em EJA 2014-2015

A DIVERSIDADE NA EJA COMO ELEMENTO DE TRANSFORMAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Trabalho de conclusão do III Curso de Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania, com Ênfase em EJA /2014-2015, como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de Especialista na Educação de Jovens e Adultos.

Professora Orientadora: Me. Danúbia Régia da Costa

Professora Tutora Orientadora: Maria do Socorro Silva Linhares

Avaliador Externo

BRASÍLIA, DF
Novembro/2015

RESUMO

No Distrito Federal, a Educação de Jovens e Adultos (EJA), dá a oportunidade a toda a comunidade a chance de retorno à escolaridade com conclusão do ensino médio em menos tempo do que os demais do Ensino Regular. Contudo, no Centro Educacional 07, o ingresso destes alunos na modalidade EJA não tem garantido a conclusão no prazo esperado. Ao iniciar o semestre, percebemos a escola cheia de alunos, as salas animadas e esperançosas. Porém, com o tempo vão se esvaziando. Além da evasão escolar que atinge todas as escolas do Distrito Federal, no Centro Educacional 07, ponto central de nossa pesquisa, observamos alunos com características diversificadas e de realidades sociais muito diferentes: Donas de casa, empregados domésticos, trabalhadores com duplas jornadas de trabalho, muitos migrantes principalmente nordestinos, alunos idosos, jovens advindos do turno matutino e mães solteiras.

Toda essa diversidade faz o professor pensar que está diante de vários problemas em sala de aula e que ele apenas facilita sua vivência em sala apaziguando a situação de alunos de classes sociais menos favorecidas, baixo pré-requisitos, idosos misturados aos alunos mais jovens. Muitos professores veem as diversidades dos alunos do 3º segmento, um dos principais obstáculos que dificultam a aprendizagem.

Através da análise de questionários e gráficos, conversas informais com professores e da observação de alunos, percebemos que o docente tem por hábito discriminar, separar, ignorar os alunos que poderiam servir de apoio em suas aulas, como alunos fora da faixa e idade escolar, que se sentem, às vezes, desacreditados pelo professor e por aspectos sócio-histórico-cultural de vários alunos da EJA.

A prática pedagógica proposta se volta à reestrutura metodológica profissionalizante que poderia levar o aluno ao mercado de trabalho; a participação direta e atuante do professor, para que o aluno se sinta mais seguro didaticamente no desenvolvimento dos problemas encontrados em sala. O professor que atua em sala de aula precisa pensar no coletivo, em maneiras de salvar aqueles alunos que ainda se encontram perdidos. O professor que sente prazer na reprovação porque o aluno não alcançou suas expectativas ou porque não houve socialização por parte de ambos, o professor precisa pensar seu lado profissional, sua falta de comprometimento como educador. Há muitas teorias formuladas que, na prática de cotidiano escolar, deixam a desejar.

Palavras-chave: Educação, socialização, profissional, cultural, aluno.

ABSTRACT

No Federal District, the Youth and Adult Education (EJA), the an opportunity one whole community a chance to return to school to high school conclusion do it in less time do that too Regular Education. However, no Educational Center 07, the entry of these students in adult education mode has not guaranteed the conclusion not expected term. Starting the semester, Students perceive a full school as animated rooms and hopeful. However, with the pace emptying. In addition to the school evasion that reaches all the schools of the Federal District, no Educational Center 07 Central point of our research, we found students with diverse characteristics and social realities very different: Housewives, domestic workers, workers with double work journeys, many northeastern migrants mainly students Seniors, youth arising from the morning and Single mothers turn.

All this diversity makes Professor of Thinking what is the face of Several Issues in the classroom and what he just facilitates your room in living appeasing one lessons, the student situation social favored Less, Low prerequisites, Senior mixed to students younger. Many teachers see as diversity of the 3rd segment Students, one of the main obstacles that hinder learning.

Through the questionnaires analysis and graphics, informal conversations with teachers and students watching, we realize what the teacher has a habit discriminate, separate, Ignore the schoolchildren could serve support your lessons How Students range of forums and Manners, which feel like sometimes-discredited hair and teacher in social historical and cultural aspects of several students of EJA.

The proposal pedagogical practice turns to professional methodological restructures that could bring the student to the labor market; direct participation and active teacher, for what the student feel safe anymore didactically Development problems encountered in the classroom. The teacher acts that classroom need to think collectively on ways to save those students who are still lost. Professor what feels pleasure in failure because the student reached not your expectations or not in socialization, because there was part of both, teacher need think your professional side your lack of commitment as an educator. There are many theories formulated that, in the daily school practice, fall short.

Key words: Education, socialization, professional, culture, students.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa - visão panorâmica do Centro Educacional 07 de Ceilândia antes da reforma.

Figura 2 – Fotografia da entrada de alunos.

Figura 3 – Fotografia blocos de sala após reforma.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quantitativo de alunos por modalidade.

Tabela 2 – Movimento Escolar, por Segmento e turno Noturno 1º Semestre de 2015.

Tabela 3 – Rendimento Escolar, por Segmento e turno Noturno 1º Semestre de 2015.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição dos estudantes quanto ao gênero.

Gráfico 2 - Faixa etária dos estudantes

Gráfico 3 - Estado Civil dos estudantes

Gráfico 4 - Quantidade de filhos dos estudantes

Gráfico 5 - Estudantes na EJA por motivos alheios a sua vontade

Gráfico 6 - Estudantes que foram para EJA por interrupção nos estudos

Gráfico 7 - Tempo que os estudantes ficaram sem estudar

Gráfico 8 - Motivo da interrupção dos estudos

Gráfico 9 - Dificuldade relevante para os estudos a noite

Gráfico 10 - Motivo do retorno aos estudos

Gráfico 11 - Disciplinas que mais sente dificuldade

Gráfico 12 – Sente-se discriminado em sala de aula

Gráfico 13 - Motivos para dizer que é aluno da EJA

Gráfico 14 - Sobre a dificuldade de aprendizagem

Gráfico 15 - Tipos de relações no ambiente escolar

Gráfico 16 - O ambiente em sala de aula

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	01
2. AMBIENTE INSTITUCIONAL	02
3. JUSTIFICATIVA E CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA	05
3.1 PERFIL DO EDUCADOR	08
3.2 PERFIL DO ALUNO	13
4. OBJETIVOS	26
4.1 OBJETIVO GERAL	26
4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	27
5. ATIVIDADES/RESPONSABILIDADES	27
6. CRONOGRAMA	28
7. PARCEIROS	29
8. ORÇAMENTO	29
9. ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO	29
10. CONCLUSÃO	29
11. REFERÊNCIAS	31

AGRADECIMENTOS

A Nossa orientadora Professora Danúbia Costa, por sempre ter a medida certa para nossas indagações e divagações, sem perder a ternura em momento algum.

A SEEDF por proporcionar essa formação.

Aos alunos do Centro Educacional 07 de Ceilândia por se prestarem a responder os questionamentos feitos por estes autores. Sem isso, não estaríamos escrevendo este PIL.

A nossa tutora Maria do Socorro que nos acompanhou desde o início do curso.

Aos colegas de curso pela rica troca de experiências.

“ Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático solidário, não é falando aos outros, de cima pra baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles...” (Freire, 1998).

1. INTRODUÇÃO

Há muitos discursos sobre educação desconectados do contexto social e teorias formuladas que na prática escolar, deixam a desejar. Pensando nisso, quando começamos a lecionar na educação de jovens e adultos, nós professores, temos em mente que grande parte dos alunos vêm de uma bagagem cultural e pedagógica diversificada e a troca de experiências deveria se tornar gratificante e proveitosa para o enriquecimento das aulas. Porém isto não acontece. As atitudes por parte do professor reduzindo conteúdos significativos por pensar o aluno incapaz a aprovação desqualifica e desrespeita as características individuais dos alunos, prejudicando a adequação a modalidade de ensino e desmotivando o próprio professor.

Um dos principais desafios encontrados pelos docentes da Educação de Jovens e Adultos no 3º segmento consiste na promoção de um espaço pedagógico que atenda as necessidades de estudantes que optam pela EJA após anos de afastamento do ensino regular, por motivos individuais e dos estudantes inseridos nesta modalidade por questões legais ou opção pedagógica da Instituição Educacional, geralmente influenciada por questões disciplinares.

No primeiro caso, estão incluídos estudantes oriundos de regiões rurais e/ou interiores de diferentes estados, onde a possibilidade de frequentar a escola regular era inexistente ou precária encontrando na EJA uma nova oportunidade de progressão dos estudos.

Outra situação engloba a inserção de estudantes oriundos do ensino regular que, por reprovações contínuas consequência de indisciplina, brincadeiras inadequadas, gravidez precoce, o uso de drogas e entorpecentes e o envolvimento desses jovens em ações de risco social (violência urbana), muitos desses são matriculados nesta modalidade de ensino por princípios legais ou decisões pedagógicas da escola.

A adaptação de alunos a uma escola noturna interfere tanto positivamente como negativamente no seu desenvolvimento pedagógico. É comum, durante o início de semestre ouvir-se de alunos novos sua insatisfação por estar estudando à noite, mas as reclamações mais frequentes são quando o aluno reprova no ensino regular e está fora da faixa etária. O aluno é remanejado para a noite sem

seu conhecimento. Muitas vezes ele só toma ciência do remanejamento quando procura seu nome na matrícula do diurno e não encontra. Este descaso faz com ele se torne desmotivado chegando inclusive à reprovação ou desistência. O aluno que prossegue com os estudos, se adapta bem em sala enquanto os outros tentam acompanhar as aulas.

O fator idade e um longo período sem estudar, interferem muito no processo pedagógico do aluno. Aqueles com mais idade são vistos como alunos que reclamam da sala pela conversa, do professor por achar que eles são incapazes, e da escola por quererem tratamentos diferenciados em relação aos conteúdos ministrados pelo professor.

O aluno trabalhador ainda é visto como problema pelo professor em sala de aula, pelos seus atrasos, suas faltas e seu desinteresse ao executar atividades extraclasse. Ou seja, toda essa diversidade de alunos interfere diretamente na postura do professor em sala de aula.

2. O AMBIENTE INSTITUCIONAL

O Centro Educacional 07 de Ceilândia foi inaugurado em 17 de abril de 1974 e em 11 de junho de 1974, por meio da Instrução Nº 07/74 foi denominado por Centro de Ensino 03 de Ceilândia. Em 21 de maio de 1980, o Ato de Criação (Resolução 334/1980), renomeava a Instituição para o seu nome atual.

Em 12 de março de 1985, o então Governador José Ornellas de Sousa Filho e a secretária de Educação Eurides Brito, entregaram à comunidade a ampliação de mais um bloco com mais oito salas de aula e dois banheiros para os alunos.

Nos anos seguintes, a escola passou por pequenas reformas, tais como os banheiros, bebedouros, quadras poliesportivas, sala de coordenação, estacionamento e cantina, seguindo os novos padrões de higiene e de engenharia. Além disso, houve a construção do teatro de arena e aquisição de bebedouros.

Entretanto, a estrutura física da escola, permaneceu inadequada para atender aos alunos, tanto das classes regulares quanto os estudantes com necessidades especiais, pois os pisos dos corredores eram irregulares, apresentavam rachaduras e buracos, não haviam rampas de acesso. Os

banheiros que foram reformados recentemente, também não atendiam a essas necessidades, existindo apenas um banheiro feminino que foi adaptado pela escola.



Figura 1 – visão panorâmica do Ced 7 antes da reforma. Fonte: Google maps, out/2015.

Os demais espaços não apresentavam projetos compatíveis para os alunos com necessidades especiais; fatores determinantes para uma reforma estrutural no ano de 2014. Por motivos de espaços e locomoções de alunos, a escola se dividiu em duas sedes: Uma na Expansão do Setor O (setor de Indústrias), para atender alunos do turno matutino e outra unidade no Colégio Maria do Rosário (próximo ao antigo Educacional 07) para os alunos do turno noturno.

Os estudantes da EJA foram transferidos para a escola Maria do Rosário – localizada nas proximidades do Centro Educacional 07, fator que gerou certo desconforto para docentes e discentes.

Atualmente, o CED 7 encontra-se ainda em reforma, mas os alunos da EJA já estão alojados na escola que funciona no sistema de sala ambiente, ou seja, o aluno que se desloca para a sala do professor da matéria que está matriculado.



Figura 2- Entrada de alunos.

A escola possui 905 alunos, distribuídos nas seguintes modalidades de ensino:

Tabela 1 – Quantitativo de alunos por modalidade

Modalidade	Matutino	Vespertino	Noturno	Total
Ensino Fundamental – 5º ao 9º ano	-	855	–	855
Ensino Médio	820	-	–	820
Ensino Especial -	40	-	–	40
Educação Integral -	10	-	–	10
Educação de Jovens e Adultos – Eja 2º Segmento	–	–	--	-
Educação de Jovens e Adultos – Eja 3º Segmento	144	93	92	329

É uma escola grande, composta de quatro blocos com dez salas cada um. Possui também laboratórios de Física, Química, Biologia e Informática.



Figura 3- blocos de salas de aula pós reforma.

Com a reforma, foi construída uma grande biblioteca que está desativada por falta de mobiliário.

O quadro de funcionários é composto por um total de 100 (cem) professores, 7 (sete) servidores, 4 (quatro) secretários, 2 (dois) administradores, 7 (sete) merendeiros, 4 (quatro) vigilantes e 1 (um) mecanógrafo.

A escola foi criada para atender a demanda de crianças e adolescentes que vieram com seus pais imigradas do Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste, e que já no Distrito Federal eram famílias oriundas de invasões do DF.

Atualmente atende em sua maioria a população da Ceilândia Oeste Compreendida pelas quadras QNNs de 01 a 07 e QNMs de 19 a 25. Porém com alunos oriundos ainda da expansão do Setor O, Setor O, Ceilândia Sul, Sol Nascente e Águas Lindas.

3.JUSTIFICATIVA E CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA/MARCO TEÓRICO

No decorrer dessa especialização, após o estudo de todo material disponibilizado e das atividades propostas percebemos que um dos grandes

desafios presentes hoje na EJA é articular as estratégias pedagógicas à grande diversidade presente nas salas de aula, principalmente no que diz respeito a faixa etária. De acordo com a Lei de Diretrizes e Base – LDB:

Art. 38º. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

II - no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos.

Como descrito na lei, o ingresso no 3º Segmento da EJA se dá a partir os 18 anos, contudo, em uma mesma sala, encontramos jovens, adultos e idosos convivendo no mesmo espaço pedagógico e com interesses educacionais diversificados. Os dados obtidos por meio do levantamento socioeconômico realizado demonstram as várias gerações presentes na escola:

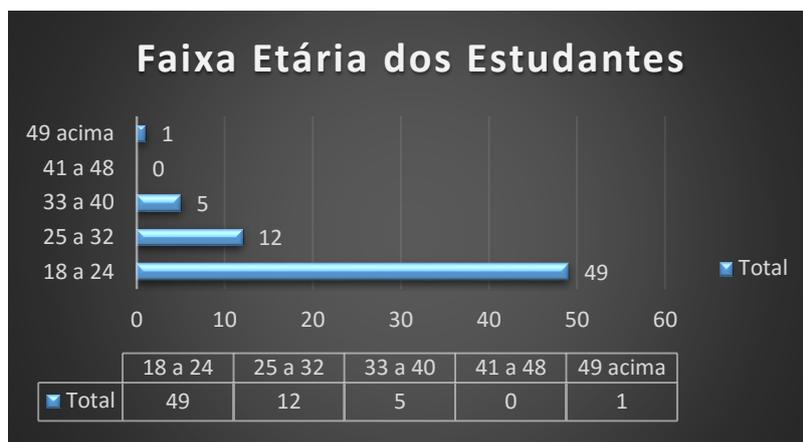


Gráfico 2 – Faixa etária dos estudantes. Fonte: arquivo dos autores, out/2015.

No entanto, é evidente a predominância de sujeitos entre 18 a 24 anos. A LDB, em seu artigo 37, diz que: *a educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria*. Porém, observa-se que muitos desses alunos mais jovens da nossa escola, buscam a EJA por outras questões sociais, tais como: alto índice de repetência no regular, exclusão do ensino regular devido a ocorrências disciplinares, necessidade de trabalhar, por morarem em lugares afastados das escolas mais próximas. Também, pela necessidade de constituir família de forma precoce por uma gravidez inesperada, por estarem presos, por virem de regiões pobres sem a mínima possibilidade de estudos e outros fatores que vão surgindo ao longo de sua vida escolar. O que traz à EJA sujeitos cada

vez mais jovens que poderiam e deveriam estar já ingressando no mundo do trabalho com a educação básica concluída. Diante deste contexto, faz-se necessário perguntar:

- Como planejar o fazer pedagógico de modo a torná-lo interessante e instigante a jovens, adultos e idosos dentro do mesmo ambiente de aprendizagem?
- Como nós educadores temos que nos preparar para liderar esse processo de aprendizagem?

No Currículo de Educação Básica está bem definida a seguinte ideia:

Os educandos da EJA, na perspectiva sócio-histórico-cultural, são sujeitos com conhecimentos e experiências (empíricas) do saber feito, com trajetórias constituídas no exercício de suas práticas/relações sociais, com experiências acumuladas que o tornam partícipes de seu próprio aprendizado. (CURRÍCULO EM MOVIMENTO, p. 18, 2013)

Portanto, o objetivo primordial é justamente conhecer essa clientela tão diversificada que compõe as turmas do terceiro segmento da EJA – Noturno, conforme informações prestadas em março deste ano, pela secretaria da escola. A movimentação e rendimento escolar para EJA estará disponível apenas ao final do semestre de 2015.

Temos os seguintes dados:

Tabela 2 – Movimento Escolar, por Segmento e turno Noturno – 1º Semestre de 2015

Movimentação	1º ano	2º ano	3º ano	Total	Total em %
Matrícula inicial em 23/02/2015	144	93	92	329	100
Admitidos após 23/02/2015	07	-	-	-	2
Transferência		02	01	03	2
Matrícula final	151	91	91	333	1,2

Fonte: Censo Escolar 2015, 1º semestre de 2015.

Tabela 3 - Rendimento Escolar, por Segmento e turno Noturno – 1º Semestre de 2015

Resultado Final	1º ano	2º ano	3º ano	Total	%
Apto	56	44	50	150	45
Não apto	15	11	09	35	11
Abandono	80	36	32	148	44

Tabela 2 - Fonte: Censo Escolar 2015, 1º semestre de 2015.

A Educação de Jovens e Adultos passa a ser a oportunidade para que o aluno tardio volte a estudar e concluir seus estudos que o levará inclusive a uma universidade. O aluno EJA tem grandes dificuldades de aprendizagem, tanto em Códigos e Linguagens como em Exatas.

As diferenças culturais, sociais e econômicas, e os conhecimentos adquiridos ao longo dos anos, se refletem fortemente na aprendizagem do aluno de 3º segmento, pois a vida pregressa desses alunos está diretamente ligada ao seu desenvolvimento pedagógico. Com base nisso, o professor deve tornar a aprendizagem seu principal objetivo, porém, respeitando suas limitações. A separação ou até mesmo isolamento do aluno, que se sente diferente dos demais por idade avançada ou outros fatores não deve ser evidenciado pelo docente. Ele enquanto mediador poderá influenciar esses alunos a socializar-se. Por que não utilizar positivamente as diferenças culturais, étnicas, de religião, crenças e experiências profissionais durante a exposição de conteúdo?

3.1 PERFIL DO EDUCADOR

Sem desmerecer o trabalho pedagógico de profissionais de educação, que realmente se preocupam com o aluno, há uma grande preocupação com grupos de educadores que impõem obstáculos no desenvolvimento de seu trabalho, ao rotular alunos pela sua incapacidade pedagógica.

A necessidade de encontros durante coordenações ou até em sala de professores, poderá contribuir para que o professor tome conhecimento e encontre soluções para ajudar seus alunos a evoluir no processo de aprendizagem e desenvolvimento e futuramente possa avalia-lo com outro olhar.

A educação de jovens e adultos deve ser constantemente uma educação de qualidade e multicultural que desenvolva a aprendizagem, integração e interação na diversidade cultural desenvolvendo assim as relações interpessoal e intrapessoal.

O jovem e o adulto esperam e querem ver resultados imediatos das suas habilidades e competências, para resgatarem a sua autoestima. A sua “ignorância”, que muitas vezes os tornam leigos perante as informações e inovações, os leva a sentir ansiedade, angústia e ao mesmo tempo “complexo de inferioridade”, perante o contexto social.

Com base em Snyders (1990, p.2):

O professor não deve abster de estudar, o prazer pelo estudo e a leitura deve ser evidente, senão não irá conseguir passar esse gosto para seus alunos, em suma, o professor não aprende com prazer, não ensinará com prazer”.

São diversidades que se encontram em uma sala de aula, que se juntam a outras trocas de experiências de grande importância no momento em que há a interação entre os grupos.

O professor pode e deve aproveitar toda a “bagagem cultural” que o aluno carrega, mas existe atitudes por parte de alguns professores: como redução de conteúdos significativos que prejudicam a adequação à modalidade de ensino; a desmotivação do próprio professor e o desrespeito às características individuais de cada aluno.

Nesse sentido o professor deve tornar a aprendizagem do aluno como seu principal objetivo. Contudo, respeitando suas limitações.

A boa relação professor x aluno interfere positivamente no aprendizado. É comum ouvirmos de alunos que dizem preferir este ou aquele professor, ou ao contrário, que não gostam de algumas matérias porque “não gostam” do professor.

Nessa abordagem, os autores afirmam:

Pensar na Educação de Jovens e Adultos é compreender que a aprendizagem se dá de forma contínua ao longo da vida. É analisar a realidade social, cultural e econômica dos sujeitos que integram essa modalidade e criar um sistema de ensino que se identifique com as características da própria EJA, oferecendo assim uma educação de

qualidade para as pessoas que não tiveram acesso à escola na idade regular. (NOBRE e MAIA,2010, p.2)

Alguns fatores interferem na qualidade das aulas a presença de recursos didáticos não é suficiente para uma boa aula. A “mesmice” gera uma aula monótona e repetitiva. Quem geralmente leva a culpa do mau desempenho é o aluno. Sala cheia, alunos de perfil diversificado, faz com que alguns professores utilizem o mecanismo da segregação utilizando termos como: os “bons” e “maus” alunos.

O foco da EJA é o aluno trabalhador. O professor que está acostumado com o ensino regular se depara com uma realidade adversa e esta requer do docente uma mudança de postura pedagógica, um comportamento mais específico, mas raramente isso acontece.

Neste contexto a escola deve estar entrelaçada dentro de um projeto voltado para a autonomia e liberdade do sujeito, garantindo através do orientador o processo de instigar a pensar, saber comunicar-se, pesquisar, ter raciocínio lógico matemático, fazer sínteses e elaborações teóricas, saber organizar seu próprio trabalho, ter disciplina, ser independente, saber articular o conhecimento com a prática, ter o discernimento das escolhas, procurando nos quatro pilares da educação a base sólida do conhecimento, aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a ser, aprender a conviver. (BARROS e OLIVEIRA, 2011, p. 3)

O professor da Secretaria de Educação poderá, através de parcerias com a UnB e outras instituições, participar de seminários, cursos presenciais e a distância, palestras, extensões e pós-graduações. Há a oportunidade de aprimorarem o conhecimento na sua área de atuação. Mas o que se demonstra algumas vezes é que o financeiro tem uma força maior que o didático. Estudam-se para ganhar melhor e guardam seu certificado para usar quando houver necessidade. A monotonia e a falta de dinamismo refletem negativamente no aprendizado do aluno. Mas, muitos professores atribuem os problemas ao desinteresse do aluno da EJA.

Nesse sentido avaliar não é excluir e sim acompanhar e recuperar, visando orientar nas tomadas de decisões e superar as dificuldades advindas assegurando os objetivos almejados. Em síntese é de suma importância que os

educadores que se propõem a ensinar, tenham em mente que devem mediar com sabedoria, entusiasmo, sensibilidade, humildade e alegria.

Que exemplifiquem a confiança, a paz, a amizade, o companheirismo e o respeito, pois todo professor deverá ter sempre em mente que a sua profissão é uma das mais nobres, porque é a grande responsável por iluminar consciências e formar cidadãos de bem. (NOBRE e MAIA, 2010, p.2)

Há muito conhecimento em sala de aula. Basta o professor perceber o quão ricas e dinâmicas suas atividades podem se tornar. O distanciamento do aluno advém também das dificuldades encontradas em seu ambiente escolar. O educador deve se preparar para enfrentar desafios.

Aprovar alunos quando seu rendimento não é compatível com os demais devido a idade avançada ou mesmo a falta de alguns pré-requisitos, não resolve a situação. É passar adiante o problema. Este aluno ao alcançar o terceiro segmento pode até encontrar certas dificuldades, todavia será aprovado, pois não há mais o que se fazer por ele.

Após observarmos algumas falas de educadores durante conversas informais em sala de professores, reuniões de conselho de classe coordenação, colhemos algumas falas corriqueiras ditas sobre alguns alunos que envolvem sua cultura, sua religião, dificuldade de aprendizagem, modo de falar (regionalismo), idade avançada e até mesmo alunos problemáticos:

- Ih... tem uma aluna estranha em sala: ela usa um turbante enorme e vem toda de branco. (prof. A)
- Vou aprovar dona Jesuína. Ela não vai conseguir mesmo. Não sabe nem ler. Mas, o que adianta segurar. (prof. B)
- Seu José disse que vai ser advogado. Será que consegue com essa idade! (prof. C)
- Pedi a Seu Pedro que viesse a minha mesa que eu mesmo ia resolver a prova. Bastava ele colocar seu nome. Que estava aprovado. (Prof. D)
- Tem um aluno que veio do regular. O menino é bom, é pena estar numa sala tão atrasada. (Prof. E)
- Quem chega atrasado não assiste minhas aulas. Quem mandou arrumar emprego. Brincou no regular e caiu na EJA. - Eu que tenho que aturar? (Prof. F)
- Este bimestre só vou usar vídeos, eles não entendem minhas aulas mesmo. (Prof. G)
- Ih... dona Francisca é velha demais. Pra quê estudar? Fica em casa. Vai ver novela. (Prof. H)

Brincadeiras, risos do grupo docente sobre a situação do aluno na escola é comum. Contudo, existe profissionais que realmente se preocupam com a educação, que resgatam o aluno, que faz do ambiente escolar um lugar

acolhedor e dinâmico. É prazeroso para o aluno estar na sala de aula. O incentivo do professor é percebido claramente com o retorno positivo do aluno até mesmo quando expressa sua opinião sobre o educador.

Segundo Vera Candau na obra *Diferenças Culturais, Cotidiano escolar e Práticas pedagógicas* de 2011:

Para muitos educadores, não é relevante numa sala de aula tomar conhecimento do perfil de alunos para ministrar o conteúdo. O que importa em saber se o aluno foi transferido do regular? Se o aluno não estuda há anos? Se o aluno trabalha durante o dia? Se ele veio de zonas rurais? Dentre outras situações. Para o docente muitas vezes o essencial é que o aluno consiga entender os assuntos ministrados, tenha bom comportamento em sala de aula, consiga tirar boas notas. Todavia o mal desempenho pode estar ligado a fatores “ditos externos” sendo colocado a margem ou tratado de forma isolada. (CANDAU, 2011, pag. 242)

Ainda segundo Candau na mesma obra:

Um educador precisa ser observador, analisar sua turma de acordo com a especificidade de cada aluno na realização de suas atividades e atitudes tanto individuais como em grupo. Suas opiniões e sua evolução ao longo do processo. Assim haverá uma avaliação diária sem exclusão de nenhum dos integrantes do processo. Portanto devemos ir além da simples reprodução de conteúdos provocando um nivelamento inexistente em qualquer âmbito social, ademais numa comunidade escolar de EJA. (CANDAU, 2011, pag. 243)

O público de EJA tem mudado ao longo dos anos em que foi implementado e isso a nível mundial. Por consequência o docente atuante na modalidade deve ter a consciência de que nunca haverá um nivelamento em qualquer sentido que seja, por parte de seu público.

Dolla e Cossetin citam:

Quando havia um contingente alto de população da zona rural chegando às cidades, no início do século passado, teve por finalidade a oportunidade de acesso à educação aos que nunca tiveram. Com a implantação da Lei 5692/1971, tomou a função de supletivo, visando acelerar a formação e na sequência, prevaleceu a função de equiparação idade/ano escolar para jovens com defasagem. Atualmente a EJA, cada vez mais atende uma população oriunda de processos de

exclusão escolar: repetição, evasão, ingresso precoce no mercado do trabalho. (DOLLA e COSSETIN, 2011, p.6)

Como proceder então para “nivelar” algo totalmente “desnivelado”? Algo impossível e indesejável para qualquer realidade educacional, quanto mais na EJA.

3.2 PERFIL DO ALUNO

Ao observarmos os alunos de ensino regular do terceiro segmento, percebemos que os mesmos perdem muito tempo de suas vidas escolares com faltas excessivas, brincadeiras em sala de aula, aulas desmotivadas, falta de cobrança dos pais ausentes em suas obrigações sociais e educacionais, gravidez precoce, uso exagerado de drogas e até mesmo sua participação em grupos infratores.

Com o avançar da idade, a dificuldade de aprendizagem se intensifica e ele fica impossibilitado de frequentar uma escolar regular, obrigando-o a optar por uma escola noturna. Esses são os aspectos mais comuns. Porém, temos alunos que vêm de regiões rurais, interiores de vários estados ou que nunca frequentaram uma sala de aula. Com isso temos um terceiro segmento bem diversificado. Por todas essas variantes o nosso foco principal seria: conhecer os vários tipos de alunos que ingressam no Terceiro Segmento da EJA - Noturno.

No Currículo em Movimento lê-se:

A modalidade de EJA está atrelada à concepção permanente, em que o sujeito aprendiz, jovem, adulto e idoso assume diversos papéis sociais e pertence à classe trabalhadora” (CURRÍCULO EM MOVIMENTO, 2013, p.21).

O aluno EJA tem vivência, tem uma história, é possível para ele ligar escola/emprego. Os dois deveriam sempre caminhar juntos. São pertencentes em sua maioria de subempregos, mal remunerados e jornada de trabalho que extrapolam o que é determinado por lei. A reestruturação da EJA implicaria em metodologias profissionalizantes que levassem o aluno ao um melhor mercado de trabalho e quem sabe até a sua mudança de setor profissional.

É importante também lembrarmos que estamos lidando com vários tipos de alunos. Entre as mulheres, existe o fator idade e que no ato da matrícula são inseridas junto a alunos jovens que perturbam, brincam, conversam e tumultuam as aulas, levando as mesmas a desistência ou desmotivação.

Entre os mais idosos, há o isolamento social em sala de aula, a timidez, a vergonha em participar das aulas, a desistência por questões familiares. A de lembrar-se também que a violência ao redor da escola e durante seu trajeto, é um dos fatores que provocam o distanciamento do aluno da escola.

No entanto, afirmam, mesmo neste contexto, segundo os depoimentos dos professores, as diferenças estão “bombando” nas escolas, no sentido de que são cada vez mais explicitadas e desafiam as práticas educativas. Ao identificar e enumerar estas diferenças, os educadores empregam distintos conceitos de diferença, confirmando a polissemia do termo e, a partir deles, é possível, segundo as autoras categorizar as diferenças mencionadas em dois grupos: diferenças relacionadas à desigualdade e diferenças relacionadas à construção de identidade. É importante salientar que esta categorização apresenta um caráter fluido e deslizante, diferenças específicas podendo transitar entre elas (Candau, 2011, p.251).

A diversidade do aluno da EJA, nos leva a crer que, por muito tempo eram vistos como aqueles vindos de locais rurais, com pouca ou nenhuma experiência escolar. Mas esta visão está se distanciando do real problema, pois o aluno, muitas vezes, o sujeito da EJA vem de longos anos de reprovação no ambiente escolar.

Um processo que é latente na modalidade e tem sido recentemente analisado por diversos expoentes da educação por ser uma situação “nova” é a juvenilização da EJA. Tal fenômeno está embasando diversos trabalhos sobre a questão e aqui inicialmente citamos Margarete Dolla e Márcia Cossetin (2011) em seu trabalho A “JUVENILIZAÇÃO” DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS” e visam elas no trabalho:

Provocar a reflexão sobre a produção desse fenômeno por meio de um elemento que o evidencia, qual seja: o número crescente de jovens e adolescentes que buscam essa modalidade de ensino. Utilizamos de dados coletados por amostragem no Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos de Cascavel. Trabalhamos, para a abordagem, com o aporte teórico e metodológico do materialismo histórico por meio do qual estudamos dados de

pesquisas sobre a Educação de Jovens e Adultos, analisando-os com amparo de teóricos que discutem a organização social, nesta, a educação, e especificamente a educação na modalidade de jovens e adultos. A partir disso, desencadeamos a discussão acerca dos fatores que influenciam nesse processo, uma vez que as políticas educacionais já a partir da década de 90 do século passado, reafirmam a oferta de educação para todos, o que significaria acesso de todas as crianças à escola. Portanto, prevalece uma incoerência, ou seja, a “oferta de educação para todos” não se concretizou e a entrada prematura desses sujeitos na modalidade de Educação de Jovens e Adultos denuncia isso, expressando, em primeira instância, a dualidade característica do sistema educacional do país que distribui de forma diferenciada as condições de acesso ao conhecimento. (DOLLA e COSSETIN, 2011, p.7)

Como já citado o processo é recente e os dados obtidos corroboraram com a expectativa prevista no embasamento teórico.

Após a aplicação de questionários para 67 alunos do 3º ano – 3ª segmento da EJA – noturno, visto que no dia era esse o número de alunos presentes, são esses os dados mostrados a seguir:

Gênero

TOTAL	67
Homem	34
Mulher	33



Gráfico 1 – Distribuição dos estudantes quanto ao gênero. Fonte: arquivo dos autores, out/2015.

Idade

	8 a 24	25 a 32	33 a 40	41 a 48	49 acima
Total	49	12	5	0	0
Homens	22	6	4	0	0
Mulheres	27	6	1	0	1

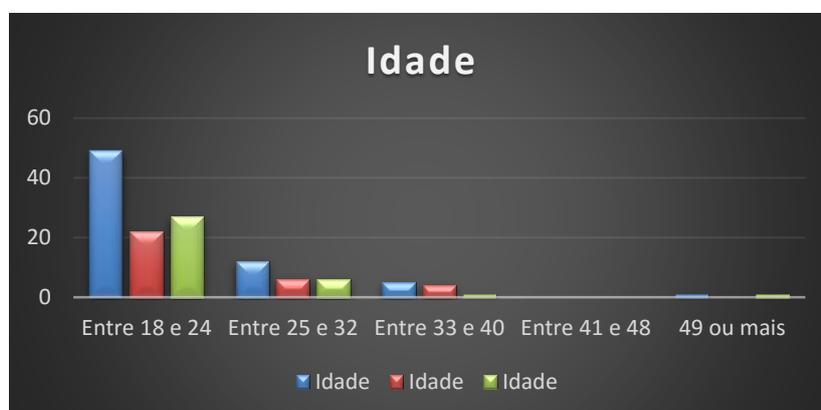


Gráfico 2 – Faixa etária dos estudantes. Fonte: arquivo dos autores, out/2015.

Nota-se que a maioria dos entrevistados se encontra na faixa etária limítrofe de entrada dos alunos na modalidade, denotando uma crescente diminuição na média etária. Ficando muito parelha a quantidade de alunos de ambos os sexos.

Segundo Dolla e Cossetin (2011 apud Haddad e Di Pierro 2000) analisam:

Na LDB de 1996, reafirma-se, ainda, o direito dos jovens e adultos trabalhadores ao ensino básico, pertinente às suas condições de estudo, com oferta gratuita na forma de Cursos e Exames Supletivos. No geral, a alteração só ocorreu, de fato, no que diz respeito à diminuição da idade para inscrição nos Exames Supletivos, sendo 15 anos para o Ensino Fundamental e 18 anos para o Ensino Médio (HADDAD; DI PIERRO, 2000).

A maioria de estudantes EJA está entre os jovens por apresentarem índice bem mais acentuado de reprovação no ensino regular. O mercado de trabalho exige escolaridade e muitos já frequentam a escola noturna porque necessitam trabalhar durante o dia. A isso incluem-se também os estágios que geram emprego e qualificação profissional.

Sobre essa situação Dolla e Cossetin analisam citando Rumert (2007, p.39),

Isso foi determinante na expulsão da escola regular “[...] dos jovens a partir dos 14 anos de idade e evidência a ênfase atribuída a certificação, em detrimento da vivência plena dos processos

pedagógicos necessários ao efetivo domínio das bases do conhecimento científico e tecnológico” (RUMERT, 2007, p. 39).

Cury (2000) cita:

O ensino fundamental obrigatório deve ser universalmente atendido em relação a crianças e adolescentes de 7 a 14 anos. Maiores de 15 anos têm idêntico direito, mas só o usufruem na medida em que o exigem. Isso significa que a educação de jovens e adultos é reconhecida como direito dos que não tiveram acesso à escolarização na idade apropriada. E significa também que a lei considera o jovem e o adulto como sendo capazes de fazer uma opção consciente. Se qualquer um deles exigir a vaga, é obrigação do poder público atendê-los (CURY, 2000, p. 575).

Em relação ao estado civil dos discentes temos:

Estado civil	Total	Homens	Mulheres
Casados	8	2	6
Solteiros	59	32	27



Gráfico 3 – Estado Civil dos estudantes. Fonte: arquivo dos autores, out/2015.

Confirma-se uma tendência de diminuição de faixa etária apresentada no gráfico anterior, tendo em vista que o número de solteiros sobrepõe em muito a quantidade de casados. As mulheres se casam mais cedo que os homens, a gravidez precoce e o casamento, as levam ao ensino noturno. A desistência é muito comum entre as mulheres, pois, quase sempre elas não têm com quem deixar os filhos e levá-los a escola é proibido.

Assim como confirma-se no gráfico a seguir, que trará a quantidade de filhos dos discentes em que uma grande maioria declara ainda não ter filhos. Para os homens, ter filhos gera despesas e não os torna o homem mais livre para um curso noturno ou mercado de trabalho.

Tem filhos	Total	Homens	Mulheres
Sim	22	10	12
Não	45	24	19



Gráfico 4 – Quantidade de filhos dos estudantes. Fonte: arquivo de pesquisa dos autores, out/2015.

Está na EJA por motivos alheios a sua vontade	Total	Homens	Mulheres
Sim	34	10	24
Não	33	24	9

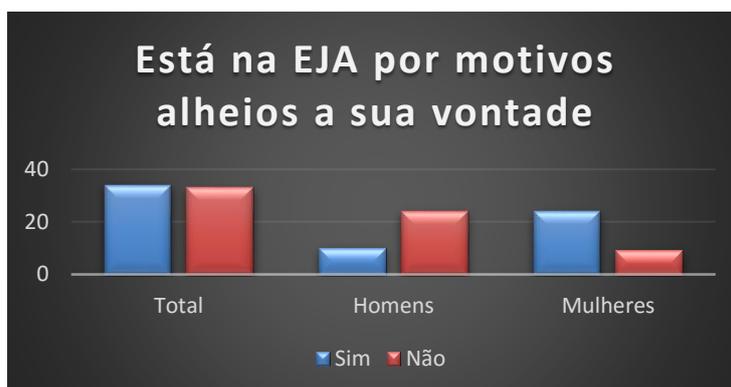


Gráfico 5 – Estudantes na EJA por motivos alheios a sua vontade. Fonte: arquivo dos autores, out/2015.

Aqui se percebe que quase 50% dos entrevistados considera o fato de estar na modalidade como um motivo alheio aos seus anseios. Sendo que é notório o maior quantitativo de mulheres que entendem não ter conseguido gerir questões externas aos seus estudos.

Você foi para EJA porque houve uma interrupção nos estudos	Total	Homens	Mulheres
Sim	49	22	27
Não	18	12	6

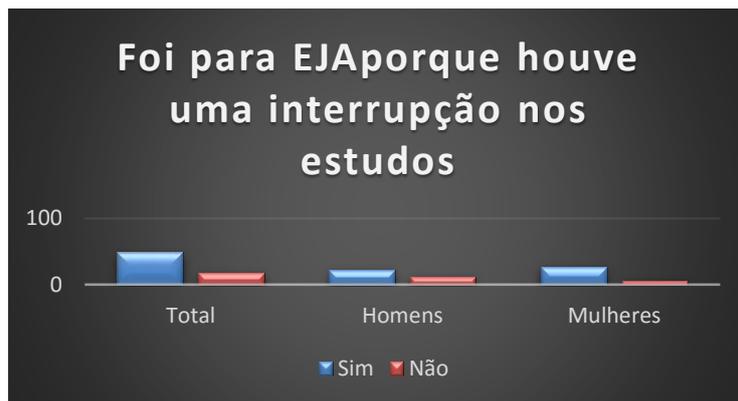


Gráfico 6 – Estudantes que foram para EJA por interrupção nos estudos. Fonte: arquivo dos autores, out/2015.

Aqui se vê que da totalidade, ainda o que preconiza a ida a EJA é a interrupção em algum momento da vida escolar a parada dos estudos. Essa parada em geral dura em torno de 1 a 5 anos, como vemos nos dados a seguir.

Dos entrevistados, poucos ficaram fora da escola. Muitos reprovam nas matérias da EJA e conseguem aumentar seu tempo de permanência na escola aumentando os semestres que deveriam concluir.

Ficou quanto tempo sem estudar	Total	Homens	Mulheres
Até um ano	29	14	15
2 a 5 anos	29	18	11
6 a 10 anos	6	2	4
Mais de 10 anos	3	0	3



Gráfico 7 – Tempo que os estudantes ficaram sem estudar. Fonte: arquivo dos autores, out/2015.

Alunos que ficam mais de 5 anos sem estudar tornam a aprendizagem mais difícil e o aluno EJA necessita reaprender tudo que havia aprendido antes.

Até seu relacionamento em sala de aula junto ao professor o torna um aluno questionador e menos participativo, diante de situações-problema que o professor julga fácil, mas que para o aluno não é.

Sua interrupção nos estudos se deu por qual motivo	Total	Homens	Mulheres
Familiar	7	2	5
Financeiro	3	9	4
Não conseguiu vaga na escola	1	1	0
Trabalho	14	7	7
Outros	32	12	20



Gráfico 8 – Motivo da interrupção dos estudos. Fonte: arquivo dos autores, out/2015.

Aqui se percebe que a questão financeira e o trabalho acabam não se tornando condição básica para ida do discente a modalidade. O aspecto “outros” pode indicar apenas uma total leniência do aluno quanto a sua situação de suprimido e, tal condição acaba por se tornar fator condicionante para seu retardo na vida escolar.

Tanto homens como mulheres largam a escola para irem trabalhar. A idade avançada para o ensino regular pode tornar os alunos, homens mais responsáveis. O retorno à escola advém da necessidade profissional, principalmente entre os homens. Para as mulheres, ainda é preocupante o domínio masculino em casa quando da proibição ao retorno escolar.

Dificuldade mais relevante para o estudo no período noturno	Total	Homens	Mulheres
Chegar cansado do trabalho e ainda ter que ir para escola	2	2	0
Dificuldade com transporte urbano	10	4	6
Horário de trabalho incompatível com a escola	32	20	12
Não ter com quem deixar os filhos	6	0	6
Outros	17	13	4

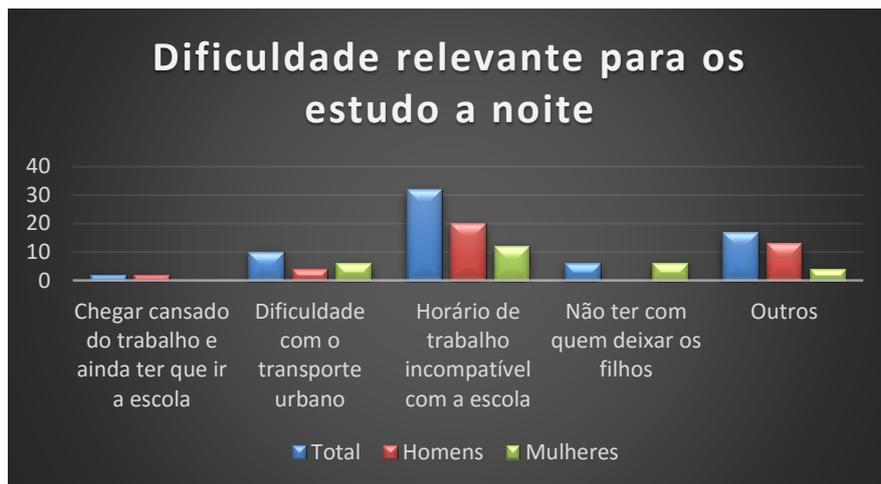


Gráfico 9 – Dificuldade relevante para os estudos a noite. Fonte: arquivo dos autores, out/2015.

Aqui se vê outra questão que é certamente um ponto frágil na oferta da modalidade aos discentes. EJA tornou-se sinônimo de ensino noturno. Poucas são as unidades públicas de ensino que oferecem a modalidade durante o diurno. Logo não é levada em consideração a existência de trabalhadores que exercem seu horário laboral no período da noite.

A tolerância da escola em relação ao horário de chegada do aluno deve ser levada em conta pela direção e coordenação da escola. Pelo menos no primeiro horário. O aluno depende da situação financeira que, muitas vezes é o único sustento do lar. A escola fica em segundo plano.

O que o levou ao retorno aos estudos	Total	Homens	Mulheres
Crescimento Pessoal	49	26	23
Obter Certificado	13	9	4
Promoção no trabalho	0	0	0
Influência familiar	10	3	7
Outros	4	3	1



Gráfico 10 – Motivo do retorno aos estudos. Fonte: arquivo dos autores, out/2015.

Ao contrário do que se afirma sobre os discentes da EJA quererem apenas o “diploma”, vê-se nestes dados, uma situação interessante onde os próprios alunos afirmam que o crescimento pessoal é o maior motivador para seu retorno a lida escolar. É preocupante saber que a promoção no trabalho não está ligada diretamente a conclusão da EJA.

Quais disciplinas mais sente dificuldade	Total	Homens	Mulheres
Matemática	41	24	17
Física	39	20	19
Química	28	15	13
Português	22	8	14
Inglês	22	14	8
Sociologia	4	3	1
Filosofia	2	2	0
Geografia	2	1	1
Biologia	2	0	2
História	1	1	0



Gráfico 11 – Disciplinas que mais sente dificuldade. Fonte: arquivo dos autores, out/2015.

Aqui se vê um panorama que não difere de qualquer modalidade de ensino, onde a tríade de disciplinas que formam as ciências exatas, aliadas à língua pátria torna-se o maior receio dos alunos.

O que surpreende é o surgimento da língua inglesa, o que demonstra os reflexos da falta de preparo na língua portuguesa, principalmente por conta de total ausência de leitura e por consequência interpretação. O aluno quando sente dificuldade com alguma disciplina, ele a abandona. O aluno EJA escolhe a disciplina que quer estudar, mesmo que o semestre atrase.

Você se sente discriminado em sala por qual motivo?	Total	Homens	Mulheres
Idade avançada	1	0	1
Dificuldade de aprendizagem	9	4	5
Inteligência	6	5	1
Não se sente discriminado	44	22	22
Por não se adaptar a turma	7	2	5



Gráfico 12 – Motivos da discriminação em sala de aula. Fonte: arquivo dos autores, out/2015.

A maioria dos alunos relata não sentir nenhum tipo de discriminação em sala, todavia estes não são os que devem ser motivos de estudo ou preocupação. E sim, aqueles que relatam falta de adaptação à turma ou com dificuldades de aprendizagem, pois já foram alijados do processo de ensino “regular” e ainda sim se sentem a margem de tal. Há que se pensar em estratégias para maior interação entre estes e o seu novo convívio escolar.

Você tem prazer em dizer que é aluno do EJA?	Total	Homens	Mulheres
É mérito para minha formação	15	8	7
Foi onde consegui chegar	2	2	0
Tenho vergonha de dizer que faço EJA	1	0	1
Sei que preciso terminar porque vou fazer vestibular	28	10	18
O importante é a formação não importa como	20	15	5
Estou na EJA porque a direção me matriculou	8	6	2

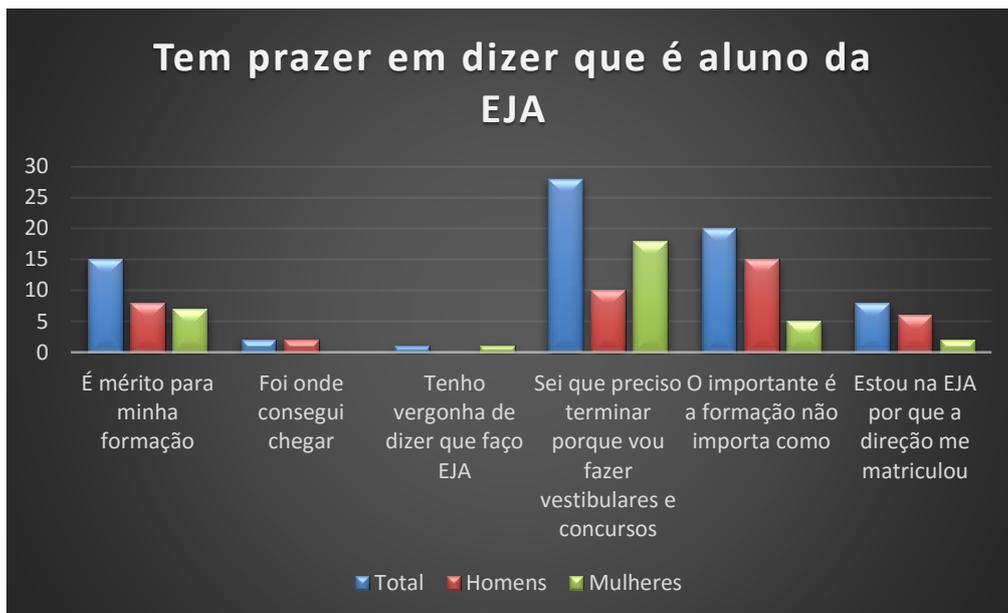


Gráfico 13 – Motivos para dizer que é aluno da EJA. Fonte: arquivo dos autores, out/2015.

Mais uma vez os dados corroboram com o fato de que o aluno da EJA está cada vez mais interessado em provas de ENEM, vestibulares e concursos, demonstrando uma mudança no perfil do alunado de alguns anos que apenas ansiava a obtenção do título de conclusão do Ensino Médio.

Dolla e Cossetin inferem:

Tal realidade evidencia a fragilidade do atendimento escolar, visto que não se trata de uma questão de cunho cultural como no passado, quando se considerava suficiente a habilidade para a leitura, escrita e cálculo, o que caracterizava a demanda de educação de adultos, tanto analfabetos, como com baixa escolaridade. Estamos diante de um público que traz experiências escolares malsucedidas e resultado de um contexto histórico de privação de direitos básicos. Quando ingressam nas salas de aula da EJA, geralmente estes adolescentes não raramente estão desmotivados, desencantados com a escola regular apresentando com frequência comportamentos indisciplinados, sendo, portanto, vistos como problemáticos. Estes supostamente ocupam o espaço destinado ao aluno adulto, trabalhador que demonstra interesse pelo estudo, sendo aceitos, ao passo que o adolescente muitas vezes transgride essa lógica, “atrapalha”. (DOLLA e COSSETIN, 2011, p.6)

Entretanto, vem o questionamento: será que esse aluno modificou seu perfil por conta própria ou foi forçadamente modificado, ao se inserir no núcleo EJA alunos que apenas se encontravam em discordância com outras modalidades de ensino?

Você pensa que a dificuldade de aprendizado é:	Total	Homens	Mulheres
Sua porque não estuda	16	11	5
Sua porque não estuda e não aprende	18	9	9
Do professor que não percebe suas dificuldades	7	1	6
Não tenho dificuldades de aprendizagem	21	10	11
Da turma que é muito diversificada	5	4	1

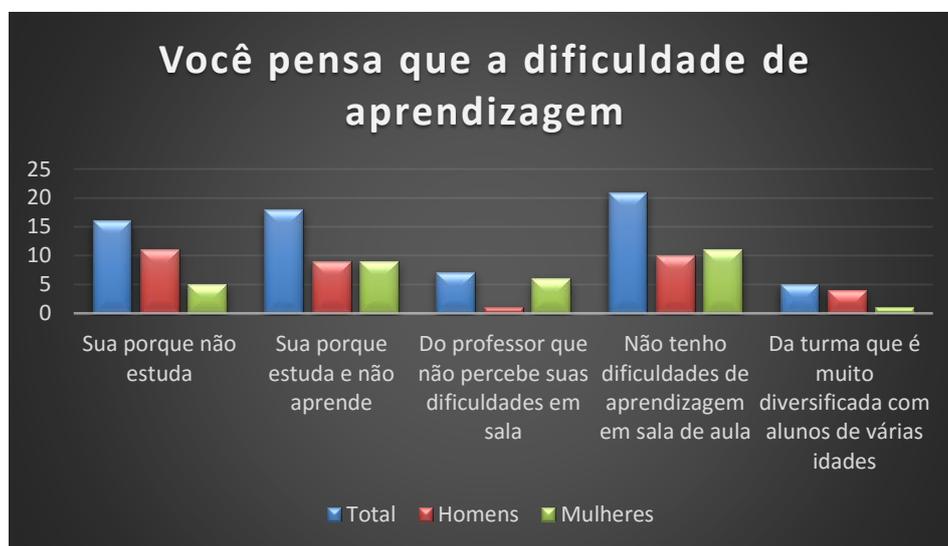


Gráfico 14 – Sobre a dificuldade de aprendizagem. Fonte: arquivo dos autores, out/2015.

Aqui se percebe que este aluno realiza uma autocrítica à sua condição ao tratar suas próprias dificuldades de aprendizagem pelo fato de estudar e não aprender, ou simplesmente não estudar.

A questão é: não estuda por quê? Será que há apenas uma reprodução do modelo familiar em que ele convive? Será que ele tem consciência do poder de modificar tal situação caso queira?

O seu ambiente escolar lhe proporciona uma relação	Total	Homens	Mulheres
Professor x aluno	51	26	25
Aluno x aluno	16	8	8

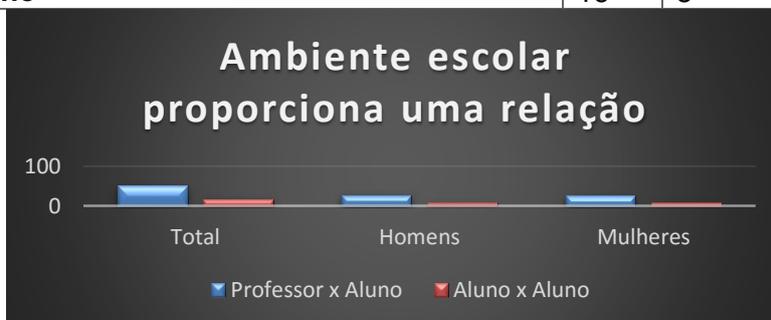


Gráfico 15 – Tipos de relações no ambiente escolar. Fonte: arquivo dos autores, out/2015.

Com estes dados, percebe-se que a relação professor x aluno impera entre o alunado. Seja com uma relação de simples respeito ou muitas vezes até mais de admiração por aquele que ali está, muitas vezes também cansado de uma outra jornada de trabalho diurna, todavia não mede esforços para tentar realizar o intento de repassar algo de pertinente aos seus alunos.

Em sala de aula	Total	Homens	Mulheres
O ambiente é ruim, pois há muita conversa	7	1	6
O ambiente é muito bom	43	23	20
A sala é apática, parada, vazia	13	10	3



Gráfico 16 – O ambiente em sala de aula. Fonte: arquivo dos autores, out/2015.

Os alunos acham o ambiente favorável para o aprendizado, pois em grande maioria o consideram muito bom. Fato que apesar do pequeno espaço amostral podemos inferir que seja na maior parte das escolas públicas do DF que atuam com a modalidade EJA.

4. OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL

Promover um espaço pedagógico que dê condições ao professor de conhecer e acolher as necessidades escolares dos estudantes do 3º segmento EJA.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar a realidade educacional e social dos estudantes ingressos no 3º segmento da Educação de Jovens e Adultos na Instituição Educacional;
- Organizar estudos técnicos e ações de intervenção pedagógica com base nos dados sócio educacionais levantados, expondo as situações de banalização da EJA relacionados à matrícula aleatória de estudantes que não apresentam o perfil da modalidade.
- Promover na comunidade escolar, espaços de formação relacionados ao direito de aprender na EJA, considerando as diferentes limitações psicofísicas e sociais.

5. ATIVIDADES/RESPONSABILIDADES

O trabalho terá a parceria de Diretores e supervisores para execução de questionários e entrevistas junto aos alunos, com a finalidade de organização e separação de grupos diversificados de alunos do terceiro segmento. Será executado durante o 2º semestre, da seguinte forma:

1- Aplicação de questionários em sala de aula para colher dados e escrituração de gráficos e tabelas.

2- Discussão durante coordenação, dos resultados colhidos nos questionários.

3- Discussão em sala de aula sobre o objetivo dos resultados colhidos sem provocar no aluno nenhum tipo de constrangimento durante a discussão.

6. CRONOGRAMA

As atividades acontecerão durante o primeiro semestre letivo de 2016 e as pesquisas serão todas separadas e justificadas no Projeto de Intervenção Local:

PERÍODO	ATIVIDADES
Dezembro/Janeiro	Identificação dos alunos matriculados na EJA – noturno. Elaboração de questionário para levantamento das expectativas profissionais e educacionais dos docentes.
Fevereiro 29/02 a 04/03	Coordenação Geral com professores para análise e discussão sobre a diversidade de alunos. Aplicação do questionário para os professores. Tabulação dos dados do questionário.
Março 07/03 a 11/03	Seleção de turmas do 3º ano para a aplicação de projeto.
Março 14/03	Início das atividades pedagógicas para a turma – aula inaugural.
Abril	Período de aulas expositivas explorando características do projeto. Aplicação do questionário para os alunos. Tabulação dos dados do questionário. Coordenação com professores para relatos de experiências durante a execução de projeto.
Maió	Período de aulas expositivas explorando características do projeto. Coordenação com professores para relatos de experiências durante a execução de projeto.
Junho	Período de aulas expositivas explorando características do projeto.

	Coordenação com professores para relatos de experiências durante a execução de projeto.
Julho	Encerramento da aplicação no primeiro semestre letivo de 2016 e planejamento inicial das atividades para continuidade no segundo semestre letivo.

7. PARCEIROS

O projeto desafiará e conquistará parceiros que se juntarão e se esforçarão para a realização e implementação, como os professores da EJA, Direção e coordenadores de áreas, alunos do 3º ano do 3º segmento e secretaria escolar.

8. ORÇAMENTO

A escola, através de recurso da própria Secretaria de Educação (PDAF) e também pela APAM, acatará todas as despesas que vierem a ocorrer durante o semestre letivo. Fica prevista também a adequação da Biblioteca, de salas com aparelhos de televisão e rádio, já existentes na escola.

9. ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO

A aplicação de avaliações ocorrerá durante o semestre, com atividades formativas e provas subjetivas e a cada final de semestre ocorrerão provas finais, onde os professores são separados por modalidades de ensino. São aplicados por coordenadores de áreas e professores, juntamente com a Direção da escola.

Avaliação diagnóstica para alunos e professores quanto à viabilidade do projeto no Centro Educacional 07 de Ceilândia.

10. CONCLUSÃO

Em meio as dificuldades e desafios, percebemos que o docente discrimina, separa, ignora alunos que poderiam ajudá-lo a enriquecer suas

atividades pedagógicas e a prática metodológica proposta. Assim se voltar à uma reestruturação didática levando o aluno a sua segurança sócio-histórico-cultural e apostando naquilo que ele tem a oferecer de melhor certamente faria com que o ambiente escolar pudesse sofrer mudanças significativas no processo ensino-aprendizagem.

A partir da pesquisa ainda foi possível perceber uma nova constituição de EJA. Uma que vem sendo afirmada e considerada por vários educadores que é a juvenilização da modalidade e outra ainda mais recente e que tem sido motivo de discussões que é sua a feminilização. Tais aspectos são recentes e por consequência muito ainda há a ser estudado.

Um terceiro aspecto levantado mostra que os alunos não têm apenas o objetivo de atingir a leitura e escrita, pois tal condição não os atende mais. Buscam uma melhor qualificação que os prepare aos vestibulares e concursos. E isso corrobora com os dados de juvenilização não somente em termos cronológicos, mas também atitudinais daqueles que convivem entre os mais jovens. Sendo este então um entre vários outros aspectos positivos dessa “tensão” entre igualdade e diferença como citado por Vera Candau.(2011, p.252)

11. REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Diretoria de Pesquisas Coordenação de População e Indicadores Sociais. **Síntese de Indicadores Sociais – Uma análise das condições de vida da população brasileira**, 2014. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv91983.pdf>> Acesso em: 25 set. 2015.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. Currículo sem Fronteiras, v.11, n.2, pp.240-255, Jul/Dez 2011

CURY, Carlos Roberto Jamil. Diretrizes curriculares nacionais para a educação de jovens e adultos. Parecer nº11 e Resolução da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, Brasília, 2000.

DISTRITO FEDERAL, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. **Currículo em Movimento Educação de Jovens e Adultos, Secretaria de Educação do Distrito Federal**. 2013. Disponível em: <http://www.cre.se.df.gov.br/ascom/documentos/curric_mov/cad_curric/7eja.pdf> Acesso em: 3 set. 2015.

DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de jovens e adultos. Revista Brasileira de Educação, ANPED, n. 14, p. 108-130, maio/jun./jul./ago. 2000. Disponível em: Informações Educacionais – CIE/SUDE para a implantação no Sistema da Educação de Jovens e Adultos – SEJA (RESOLUÇÃO ESTADUAL Nº 3915/12 – GS/SEED).
http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE14/RBDE14_08_SERGIO_HADDAD_E_MARIA_C_LARA_DI_PIERRO.pdf. Acesso em: 11 ago. 2013.

DOLLA, Margarete Chimiloski; COSSETIN, Márcia. 2011. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada11/artigos/2/artigo_simposio_2_35_marciacossetin@yahoo.com.br.pdf. Acesso em 2 set. 2015

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17^o. ed. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1988.

HADDAD, Sérgio. Marco conceitual e relevância do estudo. In Haddad, Alfabetismo e analfabetismo funcional. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br/pesquisa/artigos/HADDAD/cap01.html>. Acesso em: 31 jul. 2013.

LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional [recurso eletrônico]. – 8. Ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições

Câmara, 2013. Disponível em: <http://bd.camara.gov.br/bd>. Acesso em 21 mar. 2014.

NOBRE, D. L.; MAIA, G.A.S. **Metodologia de Ensino, Diversidade e Relação Professor e Aluno.** Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/jovem01.html>> Acesso em 25/07/2010.

OLIVEIRA, M. V. J.; BARROS, C. P. A Diversidade na Educação de Jovens e Adultos. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/-a-adiversidade-na-educacao-de-jovens-e-adultos/56340/#ixzz3°R9swqm9>.

PROJETO POLITICO E PEDAGÓGICO DO CENTRO EDUCACIONAL 07 DE CEILÂNDIA.

RUMERT, Sônia Maria. A educação de jovens e adultos trabalhadores brasileiros no século XXI. O “novo” que reitera antiga destituição de direitos. Sisifo/revista de ciências da educação · n. 02 - jan/abr 2007 .

SNYDERS, Georges. A alegria na escola. São Paulo, editora Manole, 1988.